TERRITORIALIDADE DOS PARAGUAIOS DE/EM DOURADOS – MS*

Ailson Oliveira Barbosa[1]

Resumo: O presente trabalho visa refletir sobre a temática território e identidade, tomando como referencial de análise os Paraguaios de/em Dourados-MS. Pensar sobre identidade, a partir do recorte territorial, pressupõe considerar o sentido de pertencimento, institucionalizado ou não. Pertencer a um ponto no território é fruto de relações sociais historicamente produzidas, carregando significados, afetos, vivências, experiências e desejos. Considerando essa perspectiva, tomamos como objeto de estudo os paraguaios que vivem na cidade de Dourados-MS, buscando avaliar, histórias de vida, suas rotinas, possíveis resistências, ou, num sentido mais amplo, o seu sentido de pertencimento. A metodologia adotada neste estudo se processou por meio de: pesquisa de campo, visando maior aproximação como a população paraguaia; entrevistas, com sujeitos que diretamente trabalham com essa população, como professores, funcionários do setor de comércio, de imigração e saúde. Por meio do levantamento realizado, dos depoimentos e enunciados, buscamos analisar o conjunto de elementos, signos e referenciais, a partir das relações que estabelecem com o lugar.

Palavras – Chaves: Lugar; Território; Paraguaios; identidade e territorialidade.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre el territorio sujeto y la identidad, tomando como referencia analítica los Paraguayos desde/en Dourados-MS. Piense acerca de la identidad, desde el recorte territorial, supone considerar el sentido de pertenencia, institucionalizada o no. La pertenencia a un punto en el territorio es el resultado de las relaciones sociales producidas históricamente, llevando significados, sentimientos, experiencias, vivencias y deseos. Ante esta perspectiva, tomamos como sujetos de materia paraguayos que viven en la ciudad de Dourados-MS, que buscan evaluación, historias de vida, sus rutinas, la posible resistencia o, en un sentido más amplio, su sentido de pertenencia. La metodología utilizada en este estudio se procesó a través de: investigación de campo, con el objetivo más cerca que la población paraguaya; entrevistas con las personas que trabajan directamente con esta población, como maestros, los empleados del sector comercial, la inmigración y la salud. A través de la encuesta, los testimonios y declaraciones, se analizan todos los factores, signos y referencias de sus relaciones con el lugar

Palabras clave: Lugar, Territorio, Paraguayo, la identidad y la territorialidade.

---

* Este artigo é resultado de minha pesquisa de Mestrado em Geografia intitulada. Território Urbano e Identidade: Os Paraguaios de/em Dourados-MS. Versão final da dissertação disponível: OLIVEIRA, A. B. **Território Urbano e Identidade: Os Paraguaios de/em Dourados-MS.** Dourados, 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFGD.

[1] Possui graduação em Geografia Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho UNESP/FCT - Faculdade de Ciências e Tecnologia - Campus de Presidente Prudente (2010). Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados UFGD. Tem conhecimento na área de Geografia Urbana, produção do espaço e suas múltiplas relações, com ênfase em território, territorialidade e identidade. Membro do grupo de estudos ReCiMe, onde se aborda temáticas pertinentes à produção do espaço urbano, com foco nas Cidades Médias.

Abstract: The present research aims reflect about the theme territory and identity, taking as referential of analysis the Paraguayan of/and Dourados-MS. We stress that think about identity, the leave from cutting territorial, presupposes consider the sense of belonging, institutionalized or not. Belong the a point on territory it is fruit of relations social historically produced, loading meanings, affections, living, experiences and wishes. We consider that perspective, we take as object of study the Paraguayan that living in city of Dourados, seeking assess, stories of life, his routines, possible resistances, or, a sense more wide, the if sense of belonging. The methodology adopted if sued by means of search of field, aiming more approach as the population Paraguayan, interview with subject which directly work with that population, as teachers, staff from sector of trade, of immigration and health. Through from lifting accomplished, of testimonials and enunciates, we seek analyze his set of elements, signs and references, the leave of relations who establish with the place.

Keywords: Place, Territory, Paraguayan, identity and Territoriality.

1 Introdução

A proposta deste estudo é discutir a territorialidade urbana dos paraguaios que vivem em Dourados-MS, as relações mantidas, tanto sociais quanto culturais, e os elementos de manutenção da territorialidade e da identidade.

Nesse sentido, escolheu-se trabalhar com a população paraguaia que reside em Dourados, levando-se em consideração as particularidades, as relações de pertencimento, os possíveis motivos que fizeram com que esse povo se estabelecesse na cidade.

Pensar a questão de identidade, a partir do recorte territorial, leva-nos, primeiramente, a pensar o sentido de pertencimento a um determinado lugar, seja este institucionalizado ou não. O pertencer é fruto de relações sociais historicamente produzidas e sedimentadas, carregando significados e afetos em relação a objetos e a fenômenos vivenciados e experimentados, ou simplesmente desejados. Sendo assim, pensar a identidade é uma questão complexa, uma vez que ela é o resultado de transformações históricas produzidas e cheias de repertórios relacionados a mudanças ao longo dos anos.

Por outro lado, coloca-se o território institucionalizado que se caracteriza por ser a base física onde as relações sociais, políticas e econômicas se produzem, se reproduzem e se sedimentam, a partir de agentes administrativos articulados pela ordem institucional e estatal. Portanto, é um território produzido e reconhecido legalmente, sendo parâmetro para a oficialização de processos de controle e exploração, tanto das relações de poder quanto das de produção econômica.

Esses processos apresentam estrutura em diferentes escalas, estabelecendo interações entre fenômenos, pessoas e objetos em nível próximo – uma cidade, por exemplo – ou em nível mais amplo – um estado ou até mesmo um país.

Para a ciência geográfica, o território é a instância em que se materializam as diversas relações. Segundo Oliveira (1997), o território tem as formas de expressão conforme se dão as relações determinadas pela ocupação humana na superfície terrestre. De acordo com o mesmo autor, o território é o espaço transformado pelo trabalho sendo, portanto, uma produção humana.

A sociedade redefine o seu território por meio de práticas exercidas no espaço, as quais estão diretamente ligadas ao processo de concretização da territorialidade e relacionadas aos comportamentos diferenciados, marcados por jogos de poder e por interesses em disputa e também de influências que são exercitadas no espaço e no tempo; de acordo com as escalas em que se manifestam.

Segundo Haesbaert (2004), a territorialidade humana envolve o controle sobre uma determinada área que deve ser concebida e comunicada, mas é também entendida como uma estratégia espacial para atingir, influenciar e controlar recursos e pessoas. Deste modo, a territorialidade pode ser ativada ou desativada.

A formação de um território, articulado pela estrutura estatal, visa a dar às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, o que provoca o sentido de identidade por meio da ideia de confraternização, ou por meio do estabelecimento de relações amistosas entre elas.

No caso brasileiro, desde a Independência, mais notadamente, após a República, há a tentativa de se construir uma nação a partir da base física do território administrado por um Estado não suficientemente forte e organizado. Isso levou a processos em que os referenciais ideológicos e os valores de uma minoria de privilegiados tentaram impor uma ideia de Brasil que acabava por negar o reconhecimento do outro, do marginalizado, do analfabeto, do explorado economicamente, do estranho ao padrão dessa minoria.

Cabe lembrar que a união desse vasto território só se efetivou pela unidade linguística, imposta pela elite dominante, apoiada pela Igreja, que, juntamente com a elite, organizou o Estado e toda a sua infraestrutura burocrática.

Segundo Ortiz (1994), o tema da identidade nacional relaciona-se a antigo debate que se trava no Brasil. Para o autor a cultura brasileira é alienada, sendo

necessário buscar uma identidade nacional para contrapor à estrangeira, a identidade teria que ser uma imposição estrutural que se colocasse a partir da própria posição dominada em que nos encontramos no sistema internacional. O autor segue afirmando que "dizer que somos diferentes não basta, é necessário mostrar em que nos identificamos" (ORTIZ, 1994, p. 07).

No Brasil, há uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos. Falar em cultura brasileira é falar em diversidade no contexto de uma unidade autoritária de poder político-econômico que se institucionaliza no território.

Sob essa perspectiva, o sentido de pertencimento a um território institucionalizado pode ser forjado pelo Estado de diversas maneiras: por exemplo, pelos direitos e deveres que a instituição territorial impõe aos seus indivíduos. Porém, essa estrutura de pertencimento territorial tem dado margem a diversos conflitos de identidades que são o resultado do recorte geográfico institucional definido pelo Estado. Estado esse que não leva em consideração a identidade, os hábitos e a cultura dos povos. Na verdade, o que o Estado pretende criar é um ideário territorial de identidade única na nação. Esse ideário cria tensões importantes quanto aos lugares que foram imaginados, pois os lugares são sempre imaginados no contexto de determinações políticas e econômicas que têm uma lógica própria, com isso a identidade territorial é ameaçada.

O território é onde as relações de poder se manifestam envolvendo fatores econômicos, políticos e sociais que interferem nas relações sociais. A questão das relações de poder torna-se então eixo central no território criado e apropriado pelo Estado. Desse modo, o território configura limite de relações de poder em uma dinâmica contínua; configura não uma identidade, mas múltiplas relações identitárias e cada qual com os seus signos, significantes e re-significantes, materiais e imateriais.

O poder do Estado sustenta e é sustentado por ações impostas e agregadoras que articulam forças econômicas que mantêm seus subordinados por meio de um discurso característico do Estado objetivado, impondo regras e limites para sustentação do poder. Assim, os grupos dominantes retiram dos agrupamentos sociais a base da socialização, fazendo com que o território em que tais grupos habitam deixe de exprimir a vivência que mantinha conhecimento. Desse modo, os seus membros perdem o conhecimento da

sua identidade e do seu território, perdendo, ainda, poder sobre o mesmo, o que cria uma relação de dependência para com o Estado.

Diante dessa realidade, a mobilidade do capital e do trabalho é resultante de forças do poder econômico e do Estado que se articula para transformar novos territórios em mercados de trabalhos regionais que atendem a uma demanda global que se transforma.

Por um lado, o Estado é um grande articulador e reorganizador do território; por outro, o território é contraditório e, por meio dessa premissa, a discussão territorial deixa de ser pura e simplista, sendo necessário procurarem-se elementos para se estabelecer a relação de pertencimento ao território. Por meio dessa concepção, o território se apresenta como recorte em que forças se articulam e se desarticulam devido a interesses, que podem ser do Estado ou de capitais. Desencadeia-se um processo de mudanças onde o local e o global são definidos como uma coisa só e, desse modo, as pessoas perdem a sua identidade em nome da força do capital que recria a identidade, composta por diversos outros símbolos, e a institui pelo poder da mídia e das instituições.

A partir da concepção territorial, a identidade ganha contornos de interação com o território, interagindo e condicionando, de diversas formas e ações, criando novas relações de continuidade, possibilitando uma dinâmica transformadora, como, por exemplo, elementos culturais como a música, a dança, a gastronomia, a língua. Na medida em que isso ocorre, a identidade se transforma ao mesmo tempo em solidária e em contraditória.

A busca pela definição do que seria uma identidade nacional, portanto, é uma maneira de se delimitar as fronteiras de uma política que procura impor-se como legítima, o território seria uma área de influência e predomínio mais ou menos intensa. Mas aí emerge outro aspecto do território, aquele que, a partir das fronteiras e limites legais, institucionaliza o sentido físico e administrativo do território. Surgem outras formas de vivenciá-lo a partir dos agrupamentos humanos que não se enquadram no referencial dito padrão.

Esses grupos estranhos ao padrão oficial institucionalizado vivenciam esse território, instaurado pela ordem estatal e pelo poder político, econômico e cultural, mas subvertem práticas alternativas de produção e de elaboração de sobrevivência, por meio de produção de signos espaciais. Ou seja, através da elaboração de novos padrões

identitários de pertencimento em que o lugar é algo que vai além do ponto cartográfico ou da institucionalização do poder estatal.

Assim, as relações sociais vão ser construídas no contexto dessa ordem espacial, marcada, geralmente, por injustiças e resistências. A ordem urbana, portanto, não é consequência, apenas, de políticas públicas em si, mas de práticas cotidianas que devem ser interpretadas. Como entender, então, o sentido da cidade como lugar de vida, como potencializadora/agenciadora das condições básicas de existência, como lugar que integra a diversidade?

Tendo em vista tais questões, optou-se por estudar o caso da cidade de Dourados/MS, que possui uma concentração de Paraguaios que elaboram formas outras de produção de sua territorialidade como meio de se relacionarem com o território institucionalizado. Formas que fogem ao controle da ordem estatal e estão ligadas às memórias e à identidade e não ao poder político.

Diante disso, torna-se necessário pensar como as pessoas que representam essa população qualificam os lugares por eles vivenciados, por exemplo, a Associação Colônia Paraguaia e a praça denominada Paraguaia. É importante saber onde se encontram, como constroem suas rotinas, seus valores, seus referenciais de localização e orientação, a partir de seus processos de produção de existência cotidiana que sinalizam para a elaboração de outros sentidos e usos territoriais.

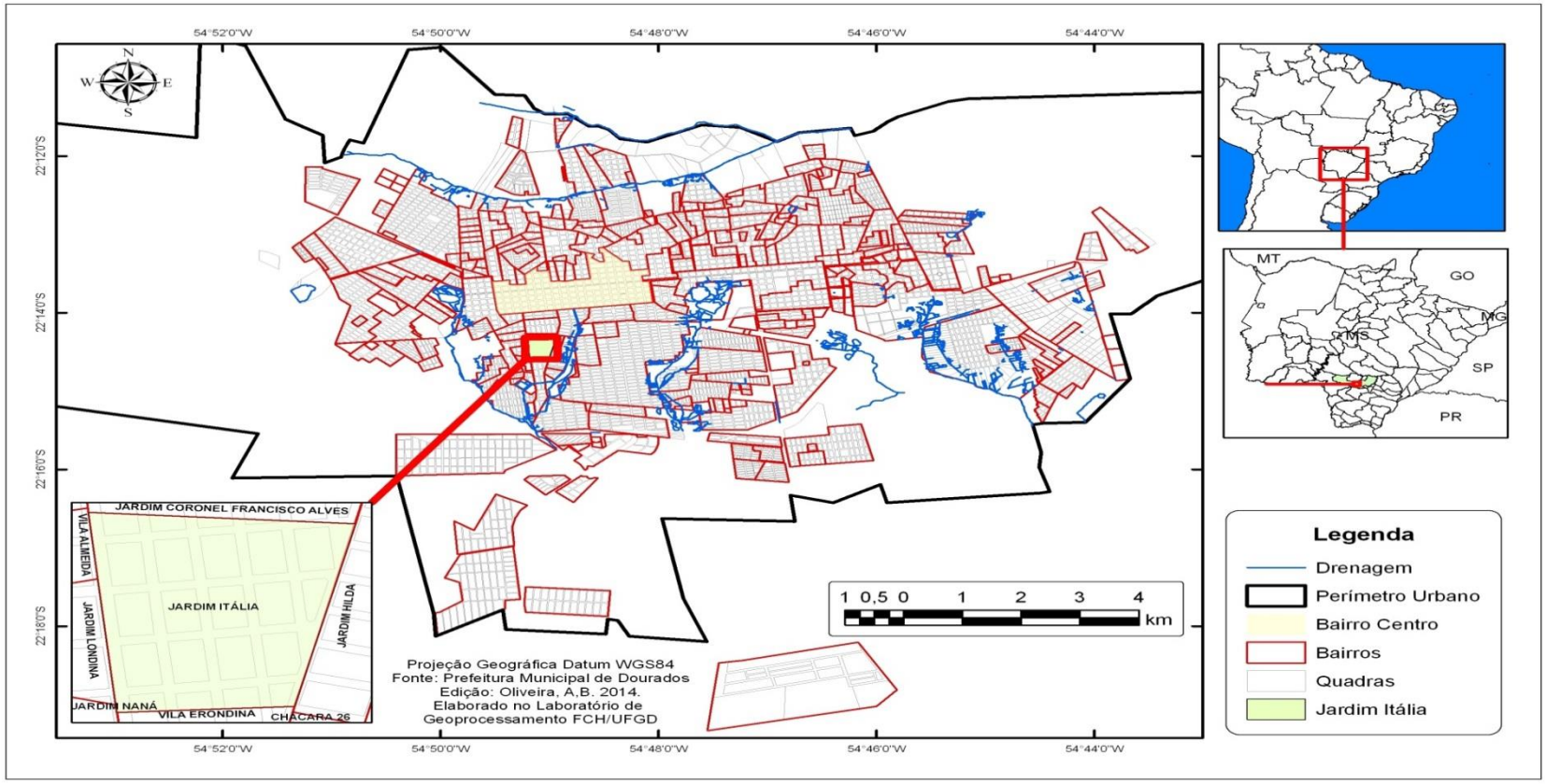
Segundo informações fornecidas por membros da Associação Colônia Paraguaia, em Dourados residem, aproximadamente, 15 mil famílias com origem paraguaia, enquanto que, no estado de Mato Grosso do Sul, a estimativa de pessoas com alguma ascendência (filhos, sobrinhos, netos, bisnetos e etc.) com os paraguaios é de 300 mil.

Já as informações fornecidas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/BME - Banco Multidimensional de Estatística), Censo 2010, apontam que Dourados tem 184 paraguaios, sendo 7.785 no Estado. Os números mais significativos são dos municípios de Ponta Porã, com 2.519; Mundo Novo, com 686; Sete Quedas, com 568; Campo Grande, com 535 e Itaquiraí com 500 paraguaios.

Com essas duas fontes de informações é possível perceber que os números são bem diferentes, ou seja, pela estatística do IBGE, a quantidade de paraguaios é pequena em relação ao número levantado pela Associação Colônia Paraguaia, que é bem expressivo.

Em Dourados os paraguaios concentram-se em maior número no Bairro Jardim Itália (ver Figura 01) onde se localiza a Capela de Nossa Senhora de Caacupé e onde, no dia 8 de dezembro, é celebrada missa em comemoração ao dia da referida santa. Essa festividade é muito importante para tal povo, posto que Nossa Senhora de Caacupé é padroeira do Paraguai. Somado a isso, a grande devoção está relacionada com a cultura e a religiosidade, um elemento de resgate da identidade paraguaia em Dourados. Observou-se que o que vem, efetivamente, mantendo, no Brasil, a identidade paraguaia "viva" é a forte religiosidade.

FIGURA 1 – DOURADOS/MS (2013)
Jardim Itália



2 Desenvolvimento e discussão

Para a realização deste estudo foi necessária uma busca bibliográfica com o objetivo de fundamentar e estabelecer relações com os signos, os significados e os (re)significantes identitários e territoriais para a construção da territorialidade dos paraguaios que vivem em Dourados.

Para tal, o trabalho de campo foi de fundamental importância, quanto foram entrevistadas[2] 17 pessoas que se identificaram como sendo paraguaios e 20 pessoas que se relacionavam com os paraguaios de forma direta ou indireta.

A partir das entrevistas foi possível estabelecer os pontos de atrito, de diferenças e conflitos entre estes, identificar os processos com que os paraguaios leem o território da cidade, estabelecem seus parâmetros de resistência e de produção de identidade, ou seja, como se orientam e se localizam no mundo a partir dessa condição de "estrangeiro" ao lugar em que edificam suas existências cotidianas.

Para isso, foi feito o levantamento do número total de paraguaios na cidade de Dourados – MS. Após esse levantamento, ir a campo e estabelecer contatos mais informais visando conversar e tentar levantar os referenciais que esse grupo elaborou de comum para construir e manter sua própria territorialidade.

2.1 Os paraguaios em Dourados: uma discussão sobre identidade, território e territorialidade

De acordo com Haesbaert (2004), o território é construído por múltiplas relações e interações. Pode ser um conjunto de lugares hierarquizados, interligados por redes, formado por grupos e etnias que mantêm certa ligação. Desse modo, a territorialidade se situa na junção de atitudes que englobam, ao mesmo tempo, a fixação e a mobilidade dos lugares. Ainda segundo o mesmo autor, a territorialidade humana envolve uma estratégia espacial para influenciar e controlar recursos e pessoas, por intermédio do domínio de uma área.

O estudo da territorialidade é a tentativa de um indivíduo ou de um grupo de atingir, influenciar ou controlar pessoas, por meio da delimitação, posto que o território é a expressão dos comportamentos vividos, da constituição do mundo pessoal e intersubjetivo, englobando a relação com o homem e o espaço geográfico (SACK, 1983).

[2] Todos os entrevistados estão cientes que os nomes verdadeiros poderão (ou não) ser utilizados na construção do texto.

Em conformidade com Santos (1994), a descrição de um conjunto de elementos fornece bases para a elaboração de uma síntese sobre determinado território e suas múltiplas relações. Para Haesbaert (2004, p. 53):

> [...] ao fugir dos determinismos muitos geógrafos negligenciaram a relação entre sociedade e natureza na definição de espaço geográfico ou de território. Por força de uma visão antropocêntrica de mundo, menosprezamos ou ignoramos a dinâmica da natureza que, dita hoje indissociável da ação humana.

O autor sequencialmente afirma que os territórios podem ser criados por forças econômicas, concepção que também é sustentada por Milton Santos (1994). O território e sua manutenção de "defesa [é] uma abordagem geográfica integradora e 'totalizante', utilizando a controvertida expressão 'território usado' como correlato direto de 'espaço geográfico" (HAESBAERT, 2004, p. 58), em sequência:

> Ao definir o espaço geográfico – que, como vimos, pode ser sinônimo de território [... 'território usado'] – como interação entre um sistema de objetos e um sistema de ações, Santos explicita a base materialista de fundamentação econômica em seu trabalho. [...] ele associa [...] sistema de objetos com um conjunto forças produtivas e sistema de ações com um conjunto de relações sociais de produção (HAESBAERT, p. 61).

Haesbaert sugere a existência de uma desterritorialização natural "[...] na medida em que fenômenos naturais como vulcanismos e terremotos são responsáveis por mudanças radicais na organização de muitos territórios" (HAESBAERT, 2004, p. 53). Para o autor:

> Mesmo discordando do termo 'desterritorialização', em sentido estrito, para caracterizar esses processos [...] não podemos ignorar esse tipo de intervenção, pelo simples fato de que o homem, por mais que tenha desenvolvido seu aparato técnico de domínio das condições naturais, não conseguiu exercer efetivo controle sobre uma série de fenômenos ligados diretamente à dinâmica da natureza ou mesmo, com sua ação, provocou reações completamente imprevisíveis (HAESBAERT, p. 53-54).

Desse modo, a palavra território abrange, além do suporte físico, os traços que o trabalho humano exerce. Portanto, o homem como agente, e não como mero espectador. No sentido posto por Howard e Bonnemaison:

> O 'território' tornou-se um conceito científico a partir da etologia humana (estudo dos costumes e caracteres humanos). Os ornitólogos estabeleceram primeira definição de territorialidade: a conduta característica adotada por um organismo para tomar posse de um território e o defender (*apud* HOLZER, 1997, p.21).

Haesbaert (2004, p. 44), por sua vez, observa que:

> Trata-se de uma vinculação com o comportamento dos animais (o território restringido ao mundo animal ou entendido dentro de um comportamento "natural" dos homens), seja na relação da sociedade com a natureza (o território humano definido a partir da relação com a dinâmica – ou mesmo o 'poder' – natural do mundo).

Sublinha-se que existem outros pensadores que também discutem a formação territorial como termos etimológicos, por exemplo, os naturalistas: Di Méo via o território como um "espaço defendido por todo animal confrontado com a necessidade de se proteger" (HAESBAERT, 2010, p. 45).

> Para a Etologia, o território é a área geográfica nos limites da qual a presença permanente ou frequente de um sujeito exclui a permanência simultânea de congêneres pertencentes tanto ao mesmo sexo (machos), à exceção dos jovens (território familiar), quanto aos dois sexos (território individual) (HAESBAERT, 2004, p.45).

Existem, no entanto, outras possibilidades de definição de território que são essencialmente geográficas, tal como as apontadas por Bonnemaison (*apud* HOLZER, 1997), que afasta a definição que a etologia humana deu para o termo território, qual seja, a de associá-lo a uma apropriação biológica de uma área que se torna exclusiva de determinados membros de uma espécie, a partir da delimitação de uma fronteira. Segundo autor:

> [...] as sociedades humanas têm uma concepção diferente do território. Ele não é forçosamente fechado, ele não é sempre um tecido espacial unido, ele não induz somente a um comportamento necessariamente estável.

Nota-se, de acordo com Sack (1983), que a definição mais comum para territorialidade é a de defesa de uma área. Defender uma área é uma meta em si mesma ou um meio para exercer controle específico sobre algum aspecto da ação humana.

Com isso, tanto os etólogos, quanto Sack definem o território como um processo social, relacionando-o apenas vagamente com o aspecto geográfico, em que os processos e as relações territoriais acontecem (HOLZER, 1997).

Outra questão é que, ao se centrar a definição nas relações de poder e no acesso diferenciado às coisas e às pessoas, praticamente se exclui a possibilidade de grupos que tenham organizações estruturadas em outras bases possuírem uma territorialidade ou território (SACK, 1983).

Sack não aceita mais a definição de territorialidade como área de defesa, achando-a demasiado simplista. Para Sack, a territorialidade baseia-se no princípio da ação e das relações territoriais que podem ser definidas no contexto social de um acesso diferenciado às coisas e às pessoas. Assim, para Sack, a territorialidade é:

> [...] a tentativa de um indivíduo ou grupo (x) influenciar, afetar ou controlar objetos, pessoas e relacionamentos (y) pela delimitação e pela afirmação de seu controle sobre uma área geográfica. Esta área é o território (SACK, 1983, p. 16).

Sack admite que existam ações "não territoriais" que se relacionam dialeticamente com as territoriais, mas não as define. Coloca-se, então, a partir dessa definição, questões como, por exemplo, a de os povos tradicionais ou povos nômades possuírem ou não territorialidade ou território; ou de os paraguaios em Dourados como manifestam a sua territorialidade e qual é a sua expressão sócio cultural.

Na verdade, sabe-se que esse território existe e se processa na produção da territorialidade. Exemplos de territorialidade e de sua agregação é o visualizado nas festividades organizadas pelos paraguaios: a Festa de Nossa Senhora de Caacupé (no dia 8 de dezembro); as festas promovidas pela Associação Colônia Paraguaia (com churrascos, jantares, almoços e bailes); a comemoração da Independência do Paraguai (no dia 14 de maio) e a do Dia do Povo Paraguaio (também no dia 14 de maio)[3].

Holzer (1997) aponta que Lacasse (1996), ao pesquisar os Innus esquimós, observou que eles não conhecem a apropriação privada e não possuem em seu vocabulário termos como propriedade, posse ou direito de propriedade. Para os Innus, o território é a vida, não tendo sentido de valor comercial e sim de valor sentimental. Sua noção de território deriva da ordem costumeira e se faz por meio de referência, laços afetivos com a terra; sendo assim, o território é o lugar de sua cultura (HOLZER, 1997, p.27.).

Sobre o significado etimológico de território, tem-se as seguintes acepções:

[3] O dia 14 de maio é celebrado em todo o Mato Grosso do Sul, como o Dia do Povo Paraguaio, a data foi instituída por meio de Lei Estadual nº 2.235, de 29 de maio de 2001. Ela coincide propositalmente com a da comemoração da Independência do Paraguai, ocorrida em 1811.

> Etimologicamente, a palavra território, *territorium* em latim, é derivada diretamente do vocábulo latino terra, e era utilizada pelo sistema jurídico romano dentro do chamado *jus terrendi* [...], como o de terra apropriado, dentro dos limites de uma determinada jurisdição-administrativa. Di Méo comenta que o *jus terrendi* se confundia com o 'direito de aterrorizar' (*terrifier*, em francês) (HAESBAERT, 2004, p. 43).

Outro exemplo é o do *Kuha Añatete* (Terra Prometida em guarani) que pressupõe, para os indígenas guaranis, sentimento similar ao dos Innus esquimós. A noção de território (político e administrativo, como se conhece) para os indígenas não existe, o que existe é a terra onde vivem, da qual se consideram parte. O território, a territorialidade, a identidade e o modo de vida se processam como se fossem a mesma coisa, haja vista que é da terra que eles retiram o alimento, é nela que vivem e se reproduzem socialmente. Nela querem viver, morrer e serem enterrados, a terra e eles são a mesma coisa.

Para Haesbaert, a sociedade indígena, por exemplo,

> Facilmente constrói seu território como área controlada para usufruto de seus recursos, especialmente os recursos naturais [...]. Mas os referentes espaciais, aí, também fazem parte da vida dos índios como elementos indissociáveis, na criação e recriação de mitos e símbolos, podendo mesmo ser responsáveis pela própria definição do grupo enquanto tal (2004, p. 69).

No que se refere aos Innus, o território, para eles, é objeto de gestão, do qual eles são os guardiões. Essa concepção de território tem como base o "lugar", este sim um conceito essencial para a formulação de um 'mundo' pessoal ou intersubjetivo, e que, portanto, interessa aos que se propõem a fazer uma geografia fenomenológica (HOLZER, 1997).

A territorialidade pode ser mais bem compreendida por meio das relações sociais e culturais que grupos humanos mantêm com os lugares e com os itinerários que constituem o seu território, onde a apropriação biológica de uma fronteira tem pouca validade:

> O território pode ser visto como 'arquipélago', "uma coleção de lugares denominados e apropriados geograficamente, dispersos e assentados em espaços de contornos indistintos, que são limitados não por linhas, mas por alguns pontos notáveis: rochedos, árvores, desníveis" (HOLZER, p. 27).

Destaque-se que o estudo da territorialidade não pode ser reduzido ao estudo do sistema territorial, pois o território é a expressão dos comportamentos vividos, da constituição do mundo pessoal e intersubjetivo, englobando a relação do território com o homem e o espaço vivido.

3 Entendendo territorialidade Paraguaia

Conforme apontado no início, a proposta é enfocar tanto o levantamento quantitativo de paraguaios, onde moram, trabalham e se relacionam, identificando os elementos que qualificam o sentido de identidade produzida em um lugar que não de sua origem e quais são os referencias culturais que praticam.

Após isso, participar da rotina dos mesmos, visando captar, por meio de suas práticas cotidianas de trabalho, relações familiares, lazer e interação comunitária, os processos e referenciais de sobrevivência no contexto do território urbano de Dourados. Para comparar as diferentes visões, também foram entrevistados os representantes ou sujeitos que trabalham mais diretamente com a população paraguaia em Dourados, como os professores; e os trabalhadores do sistema de saúde e de migração que atendem essa população, assim como setor de comércio e de serviços.

Através da análise dos discursos e das falas, foi estabelecido um diálogo sobre as representações e os elementos que possam representar os signos e referenciais com que os diferentes sujeitos entrevistados, tanto os paraguaios e quanto os não paraguaios entendem o outro e como a territorialidade paraguaia é (re)construída.

Neste momento do texto, daremos atenção às entrevistas e também ao discurso oral, às narrativas orais. Pois a metodologia do trabalho foi composta, por etapas: A primeira foi uma aproximação, procurar conhecer, para se estabelecer uma relação de confiança; em seguida fizemos perguntas abertas de uma maneira descontraída para que respondessem de forma livre e por último sistematizamos os dados recolhidos em campo.

Por meio das falas dos paraguaios foi possível perceber que existe uma sequência coerente no discurso que se define pelos temas ou tópicos que se expressam, por exemplo, a alegria em falar que "gostam do Brasil". E enquanto analisamos percebemos que, em um contexto amplo, não existe uma definição comum na fala, mas sim um sentimento de amor à pátria e um gostar de morar no Brasil e uma esperança

que as condições sociais e políticas melhorem no Paraguai, além de um agradecimento por viverem no Brasil e por terem melhores condições econômicas e sociais.

E em aproximação a Haesbaert (2004), o território é construído por múltiplas relações tanto em um conjunto de lugares hierarquizados ou interligados por redes. E o que se percebe em Dourados são ligações, ou seja, os paraguaios residentes em Dourados vivem e participam do território de Dourados e ao mesmo tempo, mantém ligações, sendo de parentescos, amizades ou até mesmo sentimentais com o Paraguai. Nesse sentido há uma sobreposição de territórios, o físico que está presente e o sentimental que está nas memorias.

O início das entrevistas deu-se no dia 2 de dezembro de 2013, durante a preparação da Festa de Nossa Senhora de Caacupé, que é realizada todos os anos na Praça Paraguaia, localizada no Jardim Itália, no dia 8 de dezembro. Tal preparação conta com pessoas ligadas à comunidade, paraguaios e descendentes, e músicos que ficam treinando os cantos que serão apresentados durante a missa.

Essas ações são ações territoriais e que de acordo com Haesbaert (2004) e relacionado com a fixação e a mobilidade dos lugares, o autor segue dizendo que a territorialidade humana envolve estratégias espaciais para influencia e controlar uma área. E o que é assistido com a preparação das festividades de Nossa Senhora de Caacupé é justamente por meio da religiosidade é a espacialização da territorialidade Paraguaia em Dourados, ou seja, uma área é dominada e é recriado um território paraguaio.

A preparação da festa ocorreu no período de uma semana, à noite, momento em que era rezado um terço com algumas palavras em espanhol, como o Pai Nosso e a Ave Maria. Após o terço, eram ensaiados os cantos. No sábado, dia 7 de dezembro de 2013, aconteceu o último ensaio, com a Capela lotada. Antes desse ensaio, rezou-se o terço; em seguida serviu-se um churrasco, acompanhado de arroz carreteiro, vinagrete e mandioca cozida. Durante o churrasco, as pessoas, sentadas, estavam contentes e cantando músicas tradicionais paraguaias, muitas estavam vestidas com roupas típicas. Um grupo de homens fazia serenata em pagamento a promessa por graça alcançada com a intercessão de Nossa Senhora de Caacupé.

A preparação da festa em homenagem a Nossa Senhora de Caacupé é de acordo com Sack (1983) uma constituição intersubjetiva que engloba a relação com o homem e o espaço geográfico, em outras palavras, a preparação das festas na praça é uma

delimitação espacial e é controlada por pessoas, no caso por paraguaios, uma vez que é uma festa que remete a cultura paraguaia, ou seja, um espaço é ocupado, passando a ser um território usado e passa a constituir um território que simboliza a cultura paraguaia por meio da religiosidade.

Segundo os paraguaios, quando a santa lhes concede alguma graça, em pagamento o devoto deve contratar um grupo musical para fazer serenata na véspera da festa – por isso é comum vários grupos se apresentarem (ver Foto 01).



FOTO 01 – SERENATA EM HOMENAGEM A NOSSA SENHORA DE CAACUPÉ
Foto: OLIVEIRA. A, B.2014.

3.1 A cerimônia de celebração da festa de Nossa Senhora de Caacupé

No dia 8 de dezembro, realizou-se a festa em comemoração a Nossa Senhora de Caacupé. Logo pela manhã, várias pessoas se reuniram na Praça Paraguaia para a procissão, que é tradicional e ocorre todos os anos. Consiste em uma caminhada em que se leva a imagem da Santa e se cantam cantos religiosos, o Pai Nosso e a Ave Maria em espanhol. Essa procissão vai ao encontro de outra que sai da Igreja São José Operário e vem em direção à Praça Paraguaia, são também cantados cantos religiosos, o Pai Nosso e a Ave Maria, mas em português. As duas procissões se encontram no meio do caminho (ver Foto 02).



FOTO 02 – ORAÇÃO DO PAI NOSSO E DA AVE MARIA EM ESPANHOL APÓS O ENCONTRO DAS DUAS PROCISSÕES.
Foto: OLIVEIRA. A, B.2014.

Com relação à cerimônia assistida por nós no dia 8/12/2013, há que ressaltar que, no momento do encontro das duas procissões, Frei Éterson, padre da igreja São José Operário que congrega a Capela de Nossa Senhora de Caacupé, fez um discurso rápido, falando da importância e união cultural representada pelas duas Santas – Nossa Senhora de Caacupé, padroeira do Paraguai; e Nossa Senhora de Aparecida, padroeira do Brasil. Destacou que eram as mesmas Santas, mas com denominações diferentes e que, na verdade, estavam unidas para proteger, acrescentou que para os seguidores de Deus não há distinção de língua e nem de cultura e muito menos de país.

O discurso do Frei Éterson vai ao encontro do que Haesbaert (2004) disse o território e sua manutenção de defesa [é] uma abordagem geográfica integradora, ou seja, quando o Frei fala que as duas santas são a mesma coisa, mas com denominações diferentes ele está sustentando o domínio do território brasileiro e a sua manutenção,

assim os paraguaios celebram suas festividades recriam a sua territorialidade, mas o espaço geográfico usado é brasileiro, em seu discurso está à expressão totalizante do território brasileiro, ou seja, a sua preservação e manutenção.

Após a fala de Frei Éterson, a procissão, levando as duas Santas, uma ao lado da outra, seguiu em direção à Praça Paraguaia. Durante o trajeto, as pessoas que vieram da Igreja São José Operário e as que saíram da Praça Paraguaia se misturavam e, juntas, entoavam os cantos, ora em português, ora em espanhol. Às vezes, alguns fogos de artifício eram estourados. Muitas pessoas saíam ao portão de suas residências para ver as Santas passarem. Algumas colocavam imagens de santos em frente às casas para serem abençoados. Assim, a procissão seguiu até a Praça Paraguaia onde outras dezenas de pessoas já aguardavam para a celebração da missa.

Frei Éterson celebrou a missa e as imagens de Nossa Senhora de Caacupé e de Nossa Senhora de Aparecida foram postas no altar. Perto delas, outras santas foram colocadas, assim como objetos trazidos por fieis em pagamento a promessas: carteiras, chave de casa, fotos, roupas. Terminada a celebração, esses fieis recolhiam os seus objetos, rezavam um Pai Nosso e uma Ave Maria, uns em português, outros em espanhol e diziam se a "Santa me permitir irei voltar o ano que vem".

Durante a celebração, muitos elementos da cultura paraguaia foram expostos: roupas tradicionais paraguaias usadas por grupos de pessoas que entravam durante a celebração para serem abençoadas pelo padre; tereré (a erva com a água), sopa paraguaia, chipa e a bandeira do Paraguai. Durante a homilia[4], Frei Éterson fez discurso que destacou a importância de se manter a cultura "viva"; ressaltou a necessidade de harmonia entre os dois povos, observando que a religiosidade é a mesma, não importando a nação e a língua. Ainda, durante a celebração, o Frei pronunciou algumas palavras em espanhol. O Pai Nosso e a Ave Maria também foram rezados em espanhol; os cantos, por sua vez, realizados em português, espanhol e guarani.

Após a celebração da missa, houve a distribuição, para os presentes e para a comunidade em geral, de chipa, sopa paraguaia, cachorro quente e refrigerante. Nesse momento, um grupo de músicos, vindos de Conceição, Paraguai, fez uma apresentação no mesmo pátio onde a missa foi celebrada. Assim, o lugar que foi usado para a cerimônia religiosa, passou a ser outro espaço de festa e canto. Ou seja, o território

[4] Homilia: Discurso realizado pelo padre, após a leitura do evangelho na missa.

imaterial religioso passou a ser um território cultural de danças típicas paraguaias (ver Foto 03).



FOTO 03 – O MESMO LOCAL SENDO OCUPADO POR DIFERENTES TERRITORIALIDADES
Foto: OLIVEIRA. A, B.2014.

O grupo musical apresentou músicas tradicionais do Paraguai, acompanhadas por danças típicas, no mesmo espaço que há pouco tempo estava sendo celebrada a

missa, com isso, os espaços são territórios criados e recriados constantemente por forças políticas ou culturais.

A festa em homenagem a Nossa Senhora de Caacupé teve seu término com a apresentação do grupo musical. Cumpre sublinhar que, durante a festa, pôde-se perceber que a religiosidade é um fator muito forte entre os paraguaios e descendentes e que a distribuição de comidas típicas paraguaias (chipa, sopa paraguaia) para o lanche seria um modo de divulgar a cultura, a culinária paraguaia – muito apreciada em Dourados.

E também de acordo com Holzer (1997) a territorialidade é compreendida por meio de relações sociais e culturais mantendo relações com lugares, ou seja, a distribuição de comidas típicas paraguaias é um modo de se criar relações territoriais e sociais com o lugar que constitui o seu território usado, assim criando uma territorialidade com o lugar e também com as pessoas que frequentam as festividades.

Após a apresentação musical na Praça Paraguaia, o grupo de músicos seguiu para outra apresentação, agora, na Associação Colônia Paraguaia, local em que muitas pessoas já estavam almoçando. Findado o almoço, o grupo efetuou sua participação; na sequência, outro grupo musical – o "Sem Fronteira" – marcou presença até o final da festa, que, de almoço, passou a baile.

Cumpre destacar que, durante o período de preparação da festa da Padroeira do Paraguai e no dia da Festa, foram realizadas, pelo pesquisador, entrevistas em que se pôde perceber que muitos paraguaios se sentem incomodados em indicar a cidade onde nasceram. Primeiramente, falam que são de Dourados, de Ponta Porã ou de Porto Murtinho. Contudo, observa-se pelo sotaque, no desenvolvimento da conversa, que não são brasileiros. Essa atitude pode ser creditada, geralmente, a uma visão estereotipada que aponta ser o paraguaio preguiçoso, culpado por algo que dá errado, envolvido com tráfico de drogas e falsificação de mercadorias.

Por isso, muitos negam suas origens. Atitude que se modifica na medida em que passam a confiar no interlocutor. A partir do momento que se identificam como paraguaios procuram, no entanto, reforçar que são pessoas de bem, que nunca fizeram nada de errado, que têm todos os seus documentos em ordem, que nunca foram presos e nunca mexeram com drogas.

Reforçam também que tudo que têm é relacionado ao trabalho e que gostam muito de trabalhar. Quando são indagados sobre o gostar do Brasil, a primeira coisa que falam é que o Brasil é um país muito bom, um país muito rico. Questionados sobre os

motivos que os levaram a vir morar em Dourados, muitos falam "aqui é nossa terra", "aqui é Paraguai"; outros dizem "voltamos para a nossa terra", fazendo alusão que entre Brasil e Paraguai não existem fronteiras.

De acordo com Haesbaert (2004, p. 74), "[...] o território carregaria sempre, de forma indissociável, uma dimensão simbólica, ou cultural em sentido estrito, e uma dimensão material". E o pensamento do autor segue ao afirmar que

> A principal novidade é que hoje temos [...] uma velocidade [...] muito maior [...] de acesso e trânsito por essas territorialidades [...] e, dependendo da nossa condição social, também muito mais opções para desfazer e refazer constantemente essa multiterritorialidade (HAESBAERT, 2004, p. 344).

Assim, com a aceleração do meio-técnico-científico-informacional, o processo migratório se torna mais comum. No que se relaciona à proximidade fronteiriça entre Brasil e Paraguai, essa retomada, criação e recriação multiterritorial, se torna mais usual, e esse fato se expressa nas falas dos paraguaios, quando dizem que "aqui é Paraguai", "aqui é minha terra", ou quando afirmam: "voltamos para a nossa terra que nos foi tomada".

Tais falas remetem à reflexão acerca da imigração paraguaia para Dourados: a maior parte dos antecessores desses paraguaios vivia nesse território antes da Guerra, trabalhando e morando. Hoje, seus descendentes chegam a esse mesmo território onde fixam moradia, ou seja, eles voltam a suas raízes, o que fica explícito na observação de que no "chão onde pisam é Paraguai". Isso sugere saudosismo, orgulho e pertencimento, mesmo que institucionalmente esse território pertença ao Brasil.

Verifica-se, então, um elo cultural que mantém a territorialidade paraguaia aqui em Dourados, mais especificamente no bairro Jardim Itália, com a Praça Paraguaia e a Capela de Nossa Senhora de Caacupé. Essa identidade se faz por meio da religiosidade, elemento cultural muito forte entre os paraguaios. Além disso, muitos procuram morar no Jardim Itália, por ser o local de maior contingente de paraguaios em Dourados.

Outro elo cultural que reúne grande quantidade de paraguaios descendentes e simpatizantes é a Associação Colônia Paraguaia, no Jardim Altos do Indaiá. Esse local reúne uma quantidade significativa de paraguaios que moram na cidade de Dourados, não apenas os moradores do bairro Jardim Itália. O público que frequenta a Colônia, em comparação ao que frequenta e participa da Festa da Padroeira no Jardim Itália, demonstra apresentar condição econômica e social diferenciada. Muitos entrevistados

relataram que não é sempre que vão à Associação Colônia Paraguaia, mas já participaram bastante. Entretanto, ao responderem ao questionário escrito, ou às questões orais, a grande maioria afirmou que frequenta costumeiramente a Colônia. Somente uma entrevistada manteve, por meio do discurso oral, a resposta dada ao questionário escrito, ou seja, a de que não frequenta a Colônia. Alguns relataram, durante a fala oral, que a Colônia é muito longe; outro, ~~e~~ que a Associação Colônia Paraguai é para quem tem dinheiro e não se sentem bem e que preferem participar da Festa da Padroeira no Jardim Itália.

A ligação cultural entre paraguaios e seus descendentes (mesmo os que não moram no Jardim Itália e não têm o hábito de frequentar a Associação Colônia Paraguaia) faz-se também por meio do Programa de rádio do Senhor Eliseu Cristaldo. O programa *Tereré Jeré* acontece aos sábados das 11h às 13h na Rádio Comunitária Boa Nova Dourados 87,9 FM. Devido à sua repercussão, ele passou a ser apresentado em Caarapó, na Rádio Comunitária FM 87,9, das 15h30min às 17h30min, também aos sábados, recebendo o mesmo nome.

Assim, na cidade de Dourados, existem, no mínimo, três pontos de ligação cultural entre paraguaios e descendentes: a Praça Paraguaia, com a Capela de Nossa Senhora do Caacupé, a Associação Colônia Paraguaia e o Programa de Rádio.

E deste modo, o que pode ser percebido que de acordo com Holzer (1997) três territórios denominados e apropriados geograficamente assentados em espaços de contornos indistintos e limitados não por linhas e sim por pontos cartográficos, religioso e de memoria, no caso o programa de rádio, mas que em sua totalidade são territórios e a sua identidade e o que o identifica é que é voltado para os paraguaios, construindo o território paraguaio em Dourados.

Há que mencionar que, durante as entrevistas, outros aspectos foram levantados. Em resposta a questões, por exemplo, sobre o Brasil, grande parte das pessoas respondeu que gosta e se identifica com os brasileiros, que tem muitos amigos e parentes brasileiros, mas que tem o hábito de visitar o Paraguai, uma vez que tem parentes e amigos lá, por isso elas procuram manter a amizade.

Muitos dos entrevistados chegam a dizer que a vida de um paraguaio em Dourados é uma vida de fronteira, fazendo alusão às constantes viagens que fazem para rever os amigos, rever a pátria amada. Por se considerarem também brasileiros, têm amor pelo Brasil e torcem e se identificam com times paulistas – Corinthians,

Palmeiras, São Paulo e Santos. Torcem também por times de futebol do Paraguai, como o do Club Olimpia de Asunción, Cerro Porteño e Club Nacional. Muitos chegam a afirmar que o Brasil e o Paraguai são a mesma coisa.

Apesar disso, constatou-se, em algumas conversas/narrativas orais, que esses paraguaios sofrem, de algum modo, discriminação. Fato que, geralmente, não é identificado por meio das respostas aos questionários escritos. Quando lhes é perguntado se no momento que chegaram ao Brasil enfrentaram algum problema (alguma forma de preconceito por causa da língua, por exemplo), respondem que tiveram muita dificuldade, mas nos questionários relatam que nunca passaram problemas.

Somente uma entrevistada manteve o mesmo discurso, tanto na resposta oral quanto na escrita. Ao ser questionada se havia sofrido algum tipo de preconceito, respondeu que sim e em razão da língua. Por esse motivo, não gostava do local onde vivia, pois era discriminada, tratada com indiferença pelos vizinhos, o que lhe dava vontade de chorar e de ir embora. Relatou que não tinha, entretanto, como voltar para o Paraguai, por enquanto, mas que queria passar a sua velhice lá. Disse que veio para o Brasil em busca de um futuro melhor e de uma aposentadoria, e que gostava da cidade.

Procurou-se conversar com paraguaios e com descendentes diretos ou indiretos. Para tal, foi necessária maior aproximação, posto que muitos deles carreguem em si estereótipos e são muito desconfiados[5]. O contato mais próximo permite a conquista de confiança e faz com que a entrevista se torne mais dinâmica. Desse modo, foram entrevistadas 17 pessoas no total que se identificaram como sendo paraguaias. Entre essas estão o senhor Elizeu Rodrigues Cristaldo, o senhor Cildo Araujo, a senhora Maria Zunilda Benites Gonçalves e a senhora Florencia Munez Samabria.

Entrevistaram-se ainda 20 pessoas, algumas identificadas como descendentes de paraguaios e brasileiros, outras como pessoas que tinham alguma forma de relação – direta ou indireta – com paraguaios. Entre os entrevistados os citados abaixo são os que mais estão ligados no cotidiano com os paraguaios tanto de forma mais direta, quanto indireta.

Entre esses entrevistados com mais proximidade cotidiana com os paraguaios são a médica Potira de Aguiar, do Posto de Saúde do Jardim Hilda (próximo à Praça

[5] Os paraguaios são desconfiados, pois carregam em suas memórias estereótipos atribuídos, ao preconceito, de que o paraguaio não gosta de trabalhar, que vive mexendo com tráfico e são contrabandistas.

Paraguaia), a qual atende brasileiros, paraguaios e descendentes; o Frei Éterson Antonio Terce que é pároco da Paróquia São José Operário – que congrega a Capela de Nossa Senhora de Caacupé –; o Deputado Estadual José Laerte Cecílio Tetila que é um dos financiadores e colaboradores das festas que acontecem na Praça Paraguaia e também ajuda o Eliseu no programa de rádio emprestando o carro ou pagando a gasolina.

O que se pode perceber é que a territorialidade paraguaia é constantemente criada e recriada em Dourados, seja por meio das festividades religiosas, pela culinária ou pelo rádio, ou seja, são espaços geográficos que estão sendo ocupados pelos paraguaios criando a sua territorialidade por meio da manutenção da identidade paraguaia em Dourados.

4 Considerações Finais

Nesse trabalho levantou-se um conjunto de elementos para fazer uma reflexão sobre questões que envolvem os paraguaios e a representação da territorialidade em Dourados/MS. Por meio das entrevistas realizadas, percebeu-se como se dá a construção e a reconstrução da identidade paraguaia, sobretudo, em relação às atividades culturais.

A análise permitiu levantar um conjunto de elementos, signos, significantes e referenciais de pertencimento, assim como a simbologia paraguaia e as representações de cultura material e imaterial. Sendo assim, foi possível estabelecer e, ao mesmo tempo, criar um diálogo na tentativa de procurar entender e conhecer o outro e todos os seus devires, ires e vires.

Assim, tentou-se enxergar com a "lente do outro" e fazer uma reflexão sobre pontos convergentes, divergentes e interpretar como a religiosidade é um elemento aglutinador cultural dos paraguaios em Dourados.

Tomou-se como propósito também avaliar a forma como essas pessoas enfrentam as crises de identidade que possam resultar em mudanças provocadas pelas novas estruturas sociais que estimulam uma reorganização ou mesmo uma reinvenção da identidade.

Desse modo, cada grupo apresenta as suas particularidades, interagindo de diferentes formas com o contexto em que está inserido, podendo apresentar diversos problemas, diferentes necessidades e diversas relações. E um elemento conciliador cultural entre os brasileiros e os paraguaios em Dourados é a religiosidade.

Tais relações se estabelecem por intermédio do convívio religioso, do trabalho, objeto de interesse, por exemplo, as relações com o mercado de trabalho, as relações que estabelecem com os seus vizinhos e com a sociedade em que vivem. Em síntese, determinando o território, por meio da sua territorialidade e as múltiplas relações, que se criam e se recriam.

Dessa maneira, foram feitas indagações, procurando verificar os motivos que levaram os paraguaios a imigrarem para o Brasil, a sua contribuição social e econômica e os reflexos culturais que fizeram com que se construísse a identidade paraguaia em Dourados.

E o que se pode perceber é que os paraguaios estão mantendo a sua identidade em Dourados, seja pela festa de Nossa Senhora de Caacupé, pela Associação Colônia Paraguaia, pelo Programa de Rádio, pela cultura ou pela culinária, e a sua soma reproduz a territorialidade paraguaia em Dourados.

Esses vários elementos somados dão o verdadeiro sentido de ser paraguaio em Dourados e a sua manutenção a efetivação da territorialidade paraguaia em Dourados.

Assim, o trabalho revela apenas um olhar sobre a questão e espera-se que sirva de referencial a novos pesquisadores que estão ou que irão se dispor a estudar os territórios urbanos e a identidade, sob a ótica da Geografia.

O encadeamento procura incorporar nuances e aspectos objetivos e subjetivos que são de fundamental importância para o entendimento da realidade abordada, podendo subsidiar a proposição de novos estudos e a troca de informações e, principalmente, de experiências, sob uma perspectiva que não reforce estereótipos impregnados de preconceitos.

5 Referências

ANDRADE, M. C **A questão do território no Brasil**. São Paulo – Recife: Hucitec, 1995.

BETONI, W. L. **Dourados:** entre a Memória e a História. Dourados, 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – DCH/UFMS.

BÓIS, J. L. **A Presença Paraguaia em Campo Grande**: O Bairro "Vila Popular" (1966 – 2004). Aquidauana, 2005. Monografia (Especialização em História Regional) – UFMS, Aquidauana.

CALIXTO, M. J. M. S. **O papel exercido pelo poder público, local na (re)definição do processo de produção, apropriação e consumo do espaço urbano em Dourados-MS.** Presidente Prudente, 2000. Tese (Doutorado em Geografia) - FCT/UNESP.

_____. O processo de produção, apropriação e consumo do espaço urbano: uma leitura geográfica da cidade de Dourados-MS. Campo Grande: UFMS, 2004.

CARLI, M. A. F. **Dourados e a Democratização da Terra:** Povoamento da Colônia Agrícola Municipal de Dourados (1946 – 1956). Dourados: EDUFGD, 2008.

CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia:** Conceitos e Temas. Campinas: Bertrand Brasil, 2006, p. 77-116.

Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE). **Populações e políticas sociais no Brasil:** os desafios da transição demográfica e das migrações internacionais. Brasília, 2008.

DEMO, P. **Charme da exclusão social**. Campinas: Autores Associados, 2002.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil Platôs.** Capitalismo e Esquizofrenia. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v.1.

FURTADO, R. S. **As fronteiras no âmbito do MERCOSUL:** apontamentos sobre a formação da agenda política de integração fronteiriça. Univ. Rel. Int., Brasília, v. 9, n. 1, p. 371-381, 2011.

GOMES, P. C. C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia:** Conceitos e Temas**.** Campinas: Bertrand Brasil, 2006, p.49 -76.

GUPTA, A.; FERGUSON, J. Mais além da "cultura": espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, A. A. **O espaço da diferença.** Campinas: Papirus, 2000, p.30-49.

GRESSLER, L. A.; SWENSSON, L. J. **Aspectos Históricos do Povoamento e da Colonização do Estado de Mato Grosso do Sul:** Destaque Especial ao Município de Dourados. São Paulo: Dag, 1988.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 169-190.

_____. **O mito da desterritorialização:** do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Territórios Alternativos.** São Paulo: Contexto, 2006.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Da Diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Ed UFMG, 2009.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagens e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1997.

LACASSE, J. Le Territtoire dans l' Univers Innu d' Aujourd'hui. **Cahiers de Géographie du Québec**, 1996.

MASSEY, D. Um Sentido Global do Lugar. In: ARANTES, A. A. **O espaço da diferença.** Campinas: Papirus, 2000, p.176-185.

MORAES, A. C. R. **Contribuição para uma história crítica do pensamento geográfico:** Alexandre Von Humbold, Karl Ritter e Friedrich Ratzel. São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FFLCH/USP.

MOTA, S. **Urbanização e meio ambiente**. Rio de Janeiro. Abes, 1999.

OLIVEIRA, A. B. **Território Urbano e Identidade: Os Paraguaios de/em Dourados-MS.** Dourados, 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFGD.

OLIVEIRA, A. U. **A Fronteira Amazônica Mato-Grossense:** Grilagem, Corrupção e Violência. São Paulo, 1997. 350 f. Tese (Livre Docência) – FFLCH/USP.

OLIVEIRA FILHO, J. P. A problemática dos "índios misturados" e os limites dos estudos americanistas: um encontro entre antropologia e história. In: SCOTT, P.; ZAUR, G. **Identidade, fragmentação e diversidade na América Latina.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2003, p. 27-48.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

SACK, R. D. Humam Territoriality: A Theory. **Annals of the Association of American Geographers**, 1983.

SANTOS, M. O retorno do território, In: Santos, M.; SILVEIRA, M. L. (Orgs). **Território:** Globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994, p. 15-18.

_____. **A natureza do espaço.** Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. Urbanização: cidades médias e grandes. In: Santos, M.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **O BRASIL**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2002, p. 279-287.

SOUZA, J. C. **A identidade do migrante paraguaio e de seus descendentes radicados em Dourados (1989 – 1999)**. Dourados: 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia:** Conceitos e Temas**.** Campinas: Bertrand Brasil, 2006, p. 77-116.

SOUZA, M. A. A. **A identidade da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SPOSITO, E. S. **Cidade, urbanização, metropolização**. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1997.

VILLAÇA, F**. Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Nobel – FAPESP, 1998.